

O SUJEITO DIANTE DA TRAGÉDIA: O TAGARELAR E O MUTISMO

The subject before tragedy: the chatter and mutism

Fernanda Palhares Vasconcelos

Psicóloga formada pela Universidade Federal de Goiás – Catalão
Pós-Graduanda em Teoria e Técnica Psicanalítica do Curso de Psicologia – IBIOTEC -
Universidade Federal de Catalão - UFCAT - e-mail: palharesfernanda@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-3097-1476>

Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira

Psicanalista, Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/
UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil). Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de
Brasília/ UNB (DF, Brasil). Professora Associada do curso de Psicologia do IBIOTEC da
Universidade Federal de Catalão - UFCAT (Catalão, Goiás, Brasil). E-mail:
renatawirthmann@gmail.com, - <https://orcid.org/0000-0002-8320-912X>

Resumo

O presente artigo pretende investigar como o sujeito se manifesta diante de situações traumáticas quando envolvido, diretamente ou não, num evento. O trauma pode ser descrito como um rompimento abrupto na articulação entre sujeito e mundo, podendo causar angústia. Inicialmente, o trauma advém de um acontecimento individual, originado na infância e pode, ao longo da vida, atualizar-se em eventos inesperados, levando o sujeito a reviver o mal-estar original. Entretanto, ao observarmos alguns eventos coletivos, como as tragédias ambientais de Mariana e Brumadinho, percebemos que as manifestações traumáticas também podem ser coletivas, apontando para a fragilidade do corpo diante do impacto da tragédia. Em tais tragédias, é importante destacar sofrimentos diferentes: um mais distante, de quem assiste, e outro mais próximo, as vítimas diretas da tragédia. Ante a angústia resta ao sujeito, indiretamente envolvido, tentar barrar as consequências deste sintoma com mecanismos que funcionam como uma espécie de fossa da linguagem. Assim, abordaremos o movimento de repetir exaustivamente o que foi dito pela mídia e o ato de não dizer nada, que são modos de o sujeito se neutralizar dos efeitos angustiantes do trauma. O artigo investiga ainda o sentimento de culpa da vítima e o processo de esquecimento coletivo.

Palavras-chave: Trauma; Psicanálise; Mecanismo de defesa; Culpa.

Abstract

This article intends to investigate how the subject manifests himself in the face of traumatic situations when involved, directly or not, in an event. Trauma can be described as an abrupt break in the articulation between subject and world, which can cause distress. Initially, the

trauma comes from an individual event, originated in childhood and can, throughout life, update itself in unexpected events, leading the subject to relive the original malaise. However, when we observe some collective events, such as the environmental tragedies of Mariana and Brumadinho, we realize that the traumatic manifestations can also be collective, pointing to the fragility of the body in the face of the impact of the tragedy. In such tragedies, it is important to highlight different sufferings: one more distant, from those who assist, and another closer, the direct victims of the tragedy. Faced with anguish, it remains for the subject, indirectly involved, to try to stop the consequences of this symptom with mechanisms that work as a kind of cesspool of language. Thus, we will approach the movement of exhaustively repeating what was said by the media and the act of saying nothing, which are ways for the subject to neutralize themselves from the distressing effects of trauma. The article also investigates the victim's guilt and the process of collective forgetfulness.

Keywords: Trauma; Psychoanalysis; Ego defense mechanism; Guilt.

Não é trauma, simplesmente, aquilo que fez irrupção num momento e abriu uma fenda, em algum lugar, numa estrutura que se imagina total, já que é para isso que serviu para alguns a noção de narcisismo. O trauma é que alguns acontecimentos venham se situar num certo lugar na estrutura. E, ocupando-o assumem aí o valor significante que a ele está ligado num determinado sujeito. Eis o que faz o valor traumático de um acontecimento.

(Lacan, 1961/1992)

INTRODUÇÃO

A palavra trauma deriva do Grego e, em sua origem, significa ferida. Para além de um conceito psicanalítico, esta palavra pertence ao uso cotidiano e à medicina. Desde o impacto de um evento, em referência às experiências coletivas e individuais, até o efeito de um impacto físico, numa parte específica do corpo, como traumatismo craniano. Na teoria psicanalítica, o trauma aparece, originalmente, na obra de Freud em suas elaborações sobre a origem das neuroses. Na obra lacaniana, este conceito é retomado para além da etiologia das neuroses e articulado ao conceito de real: o trauma como uma impossibilidade, uma incompreensão ou uma incapacidade de articulação em algum ponto da experiência humana. De acordo com Miller (1997, p. 21) afirma que “o verdadeiro núcleo traumático é a relação com a língua”, ou seja, o trauma é a consequência da incidência da linguagem sobre cada sujeito. Eis a diferença fundamental do conceito de trauma para a psicanálise: ele está mais no sujeito que no

acontecimento e, portanto, só pode ser localizado a posteriori, retroativamente. Assim, é importante ressaltar que o trauma não se localiza no evento supostamente traumático, mas no modo como esse acontecimento incide sobre o sujeito, provocando uma espécie de ferida capaz de romper radicalmente a articulação deste com o mundo e levando o sujeito a um desarranjo nas formas de fazer e de compreender as coisas.

Partindo do conceito psicanalítico de trauma — desde a importância deste para a constituição do sujeito até a compreensão lacaniana do trauma, como, paradoxalmente, tanto buraco quanto excesso —, o presente artigo pretende investigar as consequências emocionais nos sujeitos vinculados, direta ou indiretamente, a eventos coletivos potencialmente traumáticos, mais especificamente às tragédias de Mariana e de Brumadinho, ambas no estado de Minas Gerais, e ocorridas, simultaneamente, nos anos de 2015 e de 2019.

Iniciaremos com a investigação do trauma na origem da constituição subjetiva ou, como propôs Freud, na origem das neuroses. Para Freud, o recalque, mecanismo originário do inconsciente, advém do trauma, ou seja, o trauma tem, para a psicanálise, um lugar primário na constituição do sujeito. A partir disso, o presente artigo pretende investigar de que modo a compreensão do trauma, como conceito psicanalítico, pode contribuir para a compreensão das diferentes reações dos indivíduos de uma sociedade ante a eventos traumáticos coletivos, como nas referidas tragédias ambientais. Dentre as possibilidades de manifestações resultantes de uma experiência traumática, no presente artigo, citaremos três: o esquecimento, o tagarelar e o mutismo, como mecanismos potencialmente capazes de oferecer a desconexão ou a desresponsabilização inconsciente do sujeito diante do evento traumático.

Procurando um ponto de semelhança entre tais manifestações, encontramos a linguagem como eixo central à medida que todas elas evidenciam a impotência ou a impossibilidade do sujeito de construir um discurso capaz de assimilar todo o impacto emocional das tragédias. Essa incapacidade discursiva pode conduzir, tanto o sujeito, quanto a sociedade, ora a um silenciamento, ora a um esquecimento, e, por vezes, uma fala repetitiva e incessante. Importante ressaltar que, em termos coletivos, é fundamental para a sociedade que muitos desses eventos perdurem e que haja um esforço social para que as gerações futuras saibam e vivenciem a experiência do acontecimento através da memória de testemunhos, de objetos e de monumentos. Entretanto, apesar da compreensão da importância dessa memória coletiva, não são incomuns situações em que a grande comoção e atenção ao acontecimento, com o passar do tempo, dilua-se e apague, a exemplo do que parece acontecer nos crimes ambientais de Mariana e

Brumadinho. Como compreender ou interpretar esse esquecimento coletivo? Qual a relação entre o conceito psicanalítico de trauma e esse suposto esquecimento?

A escolha desses dois eventos ambientais não foi arbitrária. São acontecimentos, marcados, simultaneamente, pelo imprevisto e pelo cálculo negligente. Ambos os eventos têm características semelhantes, pelo cálculo negligente. Por um lado, trata-se de um atravessamento do real, do impossível, quando analisado a partir do impacto nas vítimas e na sociedade de modo geral. Nos dias subsequentes às tragédias em MG todo o país acompanhou, quase ininterruptamente, os vídeos, as fotos e os depoimentos daqueles lugares, daquelas pessoas e de seus familiares; campanhas foram feitas para arrecadação de mantimentos para amparar as vítimas. Assistimos a apreensão de outras regiões do país em relação às suas barragens e ao risco do rompimento de centenas delas espalhadas por todo território brasileiro.

Contudo, é possível constatar o caráter evanescente de tal impacto, que foi se tornando cada vez mais rarefeito. Parece haver uma relação direta entre tempo e impacto. Quanto menor o tempo cronológico relativo à tragédia, maior a cobertura dos meios de comunicação e maior a preocupação e a empatia das pessoas. Quanto mais distante cronologicamente ficam as tragédias, mais distantes emocionalmente e menos implicadas parecem estar as pessoas e, conseqüentemente, a imprensa.

Dada a relevância dos acontecimentos, por que estes são exaustivamente lembrados, falados e discutidos somente num curto espaço de tempo? O que se percebe é um movimento de falar muito, verborragicamente. Entretanto, este parece ser um falar vazio, com muita repetição e pouca elaboração ou aprofundamento. Então, num segundo momento, o silêncio, um nada a dizer. O assunto parece desaparecer tanto da boca das pessoas quanto da imprensa. Esses dois movimentos, em face aos eventos traumáticos coletivos, serão tratados no presente artigo com as nomeações de tagarelar e de mutismo. Partiremos da hipótese de que o tagarelar tem, como funcionamento, uma tentativa de esvaziamento da palavra, como se a repetição oca pudesse retirar a responsabilidade do sujeito daquela situação traumática que lhe causa enorme mal-estar e angústia. Já no mutismo, levantamos a hipótese de um esforço de não implicação e irresponsabilização do sujeito perante o acontecimento pela via do silenciar. O presente artigo pretende aprofundar a relação do conceito psicanalítico de trauma, em Freud e Lacan, com as tragédias coletivas de Mariana e Brumadinho. Para tanto o artigo foi organizado em três partes: na primeira faremos o levantamento bibliográfico do conceito de trauma; na segunda parte, estudaremos a relação entre a tragédia e o tagarelar; e, finalmente, a terceira será dedicada ao

movimento do mutismo como esforço de distanciamento. Quanto ao esquecimento, este será abordado como o significante de amarração de todo o artigo nas considerações finais.

2. CONCEITO DE TRAUMA

Segundo Lacan (1955-1956/1988), o trauma está intimamente relacionado à linguagem. Desta maneira, é possível pensar sua origem atrelada ao desenvolvimento do sujeito. Para a psicanálise, a linguagem é o resultado da fantasia fundamental ou, ainda, da relação da criança com seus pais. Quando, na primeira infância, surge uma demanda do bebê é preciso que seus pais interpretem e decidam atender ou não tal demanda. O sujeito que tomar para si a responsabilidade de interpretar as demandas advindas do bebê é quem ocupará o lugar da função materna. Logo, o bebê percebe a mãe como uma extensão de si. Esta mãe, no entanto, está inserida em outras relações, e precisa atender suas próprias demandas e de outros que não exclusivamente o bebê, instaurando não só a presença da mãe, mas também sua ausência. A mãe se faz presença, ao atender a demanda, e se faz ausência, ao recusá-la. Além da função materna, o bebê também será apresentado à função paterna, que é aquela que faz o corte entre o filho e a mãe, fazendo com que se perceba que são dois indivíduos diferentes e separados.

Como a mãe não está ininterruptamente ali para atender todas as demandas do bebê, este começa a endereçar suas demandas para além da mãe. A linguagem se tornará, por conseguinte, a via de transmissão simbólica da lei que vem dos pais, primeiro Outro da criança. Sendo assim, a comunicação falada também passa pela aprovação e pelo reconhecimento dos pais, uma vez que é a partir da validação destes que a criança se reconhecerá como sujeito. Após a assimilação da linguagem, a criança se apresentará não mais como uma extensão da mãe, e sim como um sujeito que constrói sua singularidade na sua relação com o Outro, com a cultura.

Esse mecanismo fundamental, que dá origem ao inconsciente e que define a neurose, foi nomeado por Freud como recalque. Podemos compreender o recalque como um processo em que algo insuportável, como a castração, é, primeiramente, percebido e depois expelido da consciência. A parte retirada da consciência, composta por pensamentos, é lançada ao inconsciente, enquanto uma outra parte, composta por afetos, permanecerá intocada. Temos notícias do mecanismo do recalque devido ao seu retorno, que ocorre de forma modificada, sob a forma de manifestações tanto transitórias (os atos falhos e os lapsos) quanto persistentes (os sintomas), à consciência (Fink, 2018).

Considerando o trauma, que funda o sujeito, como dependente da linguagem, podemos afirmar que não haveria trauma sem a entrada na linguagem, ou seja, não haveria trauma sem recalque, assim como não haveria linguagem sem trauma. O termo trauma aparece, na obra de Freud, desde os textos pré-psicanalíticos e se refere ao que ele nomeia como afetos estrangulados, ou seja, conteúdos inconscientes capazes de produzir angústia e mal-estar no sujeito neurótico, sob a forma de sintoma.

Os estudos freudianos sobre as neuroses, mais especificamente o caso Emma, levaram à compreensão do trauma dividido em dois tempos, sendo que somente com o segundo tempo é que, retroativamente, a primeira cena ou o primeiro tempo ganharia o estatuto de traumático. O caso Emma, descrito por Freud, em 1895, no seu Projeto para uma psicologia científica, diz respeito a uma jovem que não conseguia entrar sozinha em lojas após um episódio, ocorrido aos 12 anos, em que percebeu que os vendedores de uma loja riam dela, o que a levou a correr da cena. Em análise, Emma ofereceu, inicialmente, duas possibilidades de interpretação: ou bem eles riam de seu vestido, ou estavam interessados sexualmente nela. Qualquer uma dessas possibilidades lhe causavam enorme horror. Com o avanço de suas elaborações ao longo do tratamento analítico, Emma descobre que esta é, na verdade, a segunda cena e que a anterior (primária) havia sido recalçada. Na cena primária, Emma tinha aos oito anos e o padeiro teria apalpado seu corpo, numa época anterior a sua capacidade de interpretar tal acontecimento. Outra descoberta que Emma faz, no percurso do seu tratamento, é que, na segunda cena, o interesse sexual era seu, por um dos vendedores e a recusa de tal desejo, na segunda cena, reviveu nela a experiência traumática da primeira cena como uma espécie de punição. (Freud, 1895/1996).

A partir dessa elaboração freudiana, compreendemos que a estrutura do trauma é composta por duas cenas: uma primeira cena infantil, que não é percebida no momento em que ocorre, e uma segunda cena, diferente da primeira, que pode ocorrer a qualquer instante ao longo da vida do sujeito e que tem o estatuto de se enlaçar aos afetos da primeira cena, originando o trauma.

É possível que, por trás da primeira cena traumática, oculte-se a lembrança de uma segunda cena que satisfaça melhor a nossos requisitos e cuja reprodução tenha maior efeito terapêutico; de modo que a cena descoberta em primeiro lugar tem apenas a importância de um elo de ligação na cadeia de associações (Freud, 1895/1996, p. 193).

Isso significa que um episódio novo tem a potência de se tornar traumático pelo enlace com algo que já foi vivido anteriormente, mais especificamente na infância, devido ao conteúdo afetivo que se repete. O trauma, portanto, advém, simultaneamente, de um evento imprevisível novo que se enlaça às experiências primitivas do sujeito. Essa ligação entre dois eventos ocorre independente do intervalo de tempo entre eles, devido à estrutura atemporal e de linguagem do inconsciente. Freud nomeou esses acontecimentos como neuroses traumáticas:

As neuroses traumáticas dão uma indicação precisa de que em sua raiz se situa uma fixação no momento do acidente traumático. Esses pacientes repetem com regularidade a situação traumática, em seus sonhos, onde ocorrem ataques histeriformes que admitam uma análise, verificamos que o ataque corresponde a uma completa transportação do paciente para a situação traumática (Freud, 1927/2014b, p. 282).

Há, em Freud, um conceito que nos orienta sobre essa característica atemporal do trauma, que segue a condição não cronológica do inconsciente freudiano. Trata-se do *Nachträglichkeit*, que pode ser traduzido como um efeito “a posteriori”, ou seja, algo que acontece com efeito retardado, atrasado. Embora este conceito seja freudiano, Lacan o atualizou e lhe atribuiu grande ênfase para a clínica psicanalítica, pois demarca a importância da construção da narrativa pelo sujeito, na análise, como capaz de ressignificar um acontecimento progressivo. De modo semelhante, essa temporalidade proposta pelo *Nachträglichkeit* nos permite uma compreensão sobre o trauma em que seu efeito no presente advém de afeto passado, uma espécie de convite “a pensar que o trauma pode ser tratado como uma determinação, o que *foi*, ou como temporalidade que convida à modulação no futuro do pretérito: o que *teria sido*” (Berta, 2012).

A partir de Lacan (1958-1959/2016), percebemos, também, que o atravessamento do real, do imprevisível, provoca efeitos sobre o sujeito, sobretudo porque o coloca em confronto com a falta, com a castração. Lacan, nesse mesmo texto, nomeia esse efeito de “dor de existir”, que remete ao vazio e a falta constitutivas do sujeito. Por isso, dizemos que a linguagem origina o trauma que, por sua vez, origina o sujeito que, por sua vez, sofre com a sua própria existência. A inserção do sujeito no campo da linguagem o convoca, simultaneamente, a falar e a calar, pois se a linguagem foi o meio pelo qual a ferida traumática foi aberta, insistir por essa via da linguagem parece conduzir a um sofrimento cada vez maior. Por outro lado, parece não haver outra ferramenta para o sofrimento originário da linguagem, que a própria linguagem.

Não havendo outra ferramenta, a clínica psicanalítica irá operar através da linguagem, ou seja, na aposta de uma construção significativa que possa, mesmo que de modo falho, contornar o

real, oferecendo uma fatia simbolizada do real com a qual o sujeito consiga lidar, ao menos parcialmente. Na clínica, a tentativa de nomeação e de sentido ao que foi vivido aparece no ato da fala, buscando, não a repetição, mas a reelaboração da experiência. No entanto, não se trata de falar rapidamente ou imediatamente sobre o acontecimento, e sim de ressignificar e elaborar a forma como o indivíduo se apresenta ou compreende tal acontecimento.

Para além do trauma, a linguagem foi também responsável pelo enlace social do sujeito. Podemos dizer que a inclusão do sujeito na sociedade se dá pela linguagem, uma língua que lhe permita fazer laço social e autoriza a construção de alguns desejos e ações coletivas. O sujeito se reconhece pelo olhar de um outro, desta forma é impossível separar o sujeito da sociedade.

A psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim (Freud, 1921/2011, p. 15).

Quando um certo número de indivíduos compõe um grupo, podemos afirmar que eles se relacionam entre si por aquilo que é comum ao grupo, como a língua, a relação com a lei e, sobretudo, os afetos inconscientes. O trauma, primordialmente singular, pode ser vivenciado, portanto, de modo coletivo, quando um acontecimento tem a potência de apertar, ainda mais, o laço, o ponto de amarração entre esses indivíduos. Retomando às tragédias ambientais de Mariana e Brumadinho, podemos inferir que tais acontecimentos estabelecem um importante laço não só entre os vitimados, mas também entre os moradores das regiões atingidas e demais funcionários ligados às mineradoras, não só dali, mas também de outros estados e países, que assistem, nas imagens de destruição, a potencial vulnerabilidade de si mesmos. O trauma parece, portanto, oferecer uma espécie de identidade coletiva que tem, como consequência, uma série de movimentações como a pressão popular por medidas governamentais ou a organização de ações solidárias, que serão mais ou menos percíveis, conforme a potência desse laço.

3. A TRAGÉDIA E O TAGARELAR

A palavra tragédia deriva da palavra grega tragōidía, que pode ser decomposta em outras duas: trágos (bode) e oidía (canto). Seu nome se deve a descrição do ritual Dionísico em que um bode era morto enquanto uma oda era cantada pelo coro. Esse ritual parece demonstrar uma forte ligação entre a dor e a existência. A tragédia se apresenta como uma espécie de catarse que permite eclodir, desde os sentimentos mais profundos de amor, ódio, medo e traição, até a exposição do cotidiano mais banal da vida dos homens. Na Grécia antiga, a tragédia era formada

por personagens heroicos que levavam a narrativa por um percurso que ia desde a felicidade até o horror. As peças gregas, assim como as situações trágicas do cotidiano, têm a potência de causar impacto tanto em seus espectadores quanto em seus atores.

As tragédias cotidianas, como um acidente ou um ato criminoso, tem potencial para causar comoção e interesse de grande parte da sociedade sobre o acontecimento. Foi o que aconteceu nas cidades de Mariana e de Brumadinho, ambas no estado de Minas Gerais. O rompimento da barragem de Mariana aconteceu no dia 5 de novembro de 2015. A empresa responsável pela extração e exploração de minério de ferro era a Samarco, uma junção da Vale S.A, multinacional brasileira, e da BHP Billiton, uma mineradora e petrolífera anglo-australiana. Às 16h20min, houve o rompimento da barragem de Fundão, fazendo com que o material vazado, lama e rejeitos de minério, entrasse em contato com o córrego Santarém, e, momentos depois, chegasse às águas do Rio Doce. Além disso, a lama atingiu o subdistrito de Bento Rodrigues e outros vilarejos (Paracatu de Baixo, Paracatu de Cima, Campinas, Borba, Pedras e Bicas) situados no Vale do Rio Gualaxo, deixando-os quase completamente inundados e destruídos. Houve 19 vítimas fatais, sendo que 329 famílias ficaram desabrigadas, um total de 1265 desabrigados (Paes, 2016).

Pouco mais de três anos depois, outro incidente aconteceu envolvendo rompimento de barragem, novamente relacionado a empresa Vale. No início da tarde de 25 de janeiro de 2019, na cidade de Brumadinho, a barragem na Mina do Feijão, que estava inativa há 3 anos, rompeu-se, derramando água, terra e rejeitos de minério de ferro, que formaram uma onda com uma força enorme que destruiu casas da região do Córrego do Feijão. Além disso, a lama chegou à área administrativa da cidade, inclusive ao refeitório, que estava cheio, causando o total de 270 mortes (Barragem da Vale se rompe em Brumadinho, 2019).

Após as tragédias ambientais de Mariana e de Brumadinho, foram assistidas, durante semanas, as buscas ativas e ininterruptas por corpos e por informações. Toda a cena pôde ser acompanhada, ao vivo e em infinitas repetições, em toda a mídia. Os canais de jornalismo exibiram, incansavelmente, durante toda a sua programação, novas e repetidas informações sobre as tragédias. Entretanto, percebe-se que, com o passar dos dias e das semanas, a repetição dos fatos começa a gerar uma espécie de esgotamento da informação e conduz a população a um ciclo de linguagem vazio conhecido como “tagarelar”:

Tagarelice é a fossa comum da linguagem. Ela mantém o caos por detrás de uma forma vazia de palavra – ou por detrás de uma forma de palavra vazia. Ela fecha a abertura para o

mundo, ela preenche as ausências e as faltas e se fecha como um engodo sobre o desejo, impedindo-o “tacitamente” de nascer da palavra e da dimensão de alteridade que ela conota (Vasse, 1999, p. 54).

Esse tagarelar modifica a posição de quem assiste ao acontecimento, ou seja, do espectador, ante a tragédia e, juntamente com o esvaziamento da linguagem, ocorre a desconexão dos afetos, tornando o evento cada vez mais banal. Assim, a elaboração e a construção são substituídas pela repetição, e todo esse material acumulado ganha o estatuto de lixo ou fossa da linguagem, em que nada é elaborado, apenas ecoado de modo vazio, jogado fora pelo buraco da boca. É imprescindível interpretar esse mecanismo da repetição que parece ter a função de defesa do sujeito diante do insuportável da morte.

A repetição, portanto, seria um retorno daquilo que foi suprimido no passado e que insiste em retornar no presente. O conteúdo repetido tende a fazer o mesmo percurso de quando recalcado, pois, uma vez que a situação que provocou o mal-estar não foi transposta, tal conteúdo insistirá em retornar (Freud, 1914/2010b). Ou seja, o que foi recalcado retorna de modo análogo à situação primeira, porém o conteúdo, inconsciente, é reapresentado de um modo disfarçado, sob a forma, por exemplo, da verborragia ou tagarelice.

Nos acontecimentos traumáticos de Minas Gerais foi possível perceber que a parcela da população que não foi afetada diretamente repete compulsivamente o que foi apresentado na mídia, na tentativa de, por um lado, não se mostrar insensível, num esforço de se desviar do sentimento de culpa, e, por outro lado, de minimizar seu envolvimento, com o intuito de reduzir seu mal-estar diante do insuportável da morte escancarado pelas tragédias. Há, assim, um movimento desta parcela da população, que assiste, a uma certa distância, as tragédias, de modo a banir o sofrimento e a culpa. A população se distancia, por meio do esvaziamento do que é da ordem singular e afetiva, da história de vida de cada sujeito, para um olhar cada vez mais generalizado, numérico e, portanto, apartado do evento. Por outro lado, a parcela da população que foi atingida de forma direta — vítimas, sobreviventes e pessoas que pertencem ao ciclo social e familiar destes — encontrará dificuldade de realizar este movimento de distanciamento e generalização, e a repetição. A população se distancia, por meio do esvaziamento do que é da ordem singular e afetiva, da história de vida de cada sujeito, para um olhar cada vez mais generalizado, numérico e, portanto, apartado do evento.

As pessoas traumatizadas não são apenas vítimas de uma realidade política destrutiva, mas também suas testemunhas. Frequentemente, veem-se em uma situação em que ninguém quer

ouvir seu testemunho, pois os ouvintes não estão dispostos a se sobrecarregar de sentimentos de medo ou dor, raiva ou vergonha, ou ainda, medo de acusações de culpa (Bohleber, 2007, p.169).

Percebemos, assim, o esforço, inconsciente, da população não vitimada, dos espectadores, em fazer calar o que as vítimas estão tentando dizer, como uma defesa contra o mal-estar causado pela consciência da tragédia. A vítima é, neste caso, a prova de que a situação traumática, de fato, aconteceu. A existência da vítima, dos sobreviventes, torna-se uma forma de nomeação da morte, provocando um furo real que explicita a vulnerabilidade dos sujeitos e expõe a angústia e a fragilidade do corpo. A vítima, diante da fragilidade exposta pela tragédia, poderá, através de um longo e difícil trabalho psíquico, buscar um sentido ao ocorrido, resignificando a cena, por exemplo. Ao espectador, por sua vez, a defesa mais simples e menos angustiante é a de se afastar, fazendo uso da repetição vazia que faz obstáculo para a angústia e tampona, mesmo que temporariamente, o furo, o real, a morte.

Retomando a questão da repetição no caso das vítimas das tragédias ambientais, percebemos que tal repetição é impulsionada por um resto inassimilável. O evento é maior que a capacidade do sujeito de assimilação e afeta o sujeito justamente neste ponto em que satura. Assim, embora tenha ocorrido com o sujeito em questão, a tragédia é assistida por esta como estranha, inadmissível e incompreensível. Lacan (1964/1997) nomeia esse encontro entre o acontecimento e o sujeito como um encontro faltoso que leva o sujeito a uma divisão entre o *autômaton* e a *tiquê*, sendo o *autômaton* a repetição dos significantes, independente de qualquer elaboração, e a *tiquê* o encontro com o real, que atravessa o sujeito e o coloca em confronto com a falta.

Primeiro a *tiquê* que tomamos emprestada, eu lhes disse da última vez, do vocabulário de Aristóteles em busca de sua pesquisa da causa. Nós a traduzimos por *encontro do real*. O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio de prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida (Lacan, 1964/1998, p. 56).

Assim, segundo Lacan, o real é justamente o que se repete como falta devido ao fracasso da linguagem em operar sobre o sujeito contornando o real. Ao invés disso, a linguagem expõe a falta e condena o sujeito à angústia. O fracasso da linguagem produz a compulsão à repetição, pois, parar de repetir significaria aceitar a perda. Os espectadores, por sua vez, indiretamente ligados à tragédia, que assistem a perda e o sofrimento no corpo do outro e não no seu próprio, usa a repetição como distanciamento, pois a posição de não saber levaria a anulação da história

que permitiria, por sua vez, aos espectadores, retomar ao funcionamento normal, isento e desresponsabilizado. Isso ocorre na imprensa, com o desaparecimento dos plantões de notícias, reportagens ou documentários sobre os eventos, e, na população, que não busca mais informações, muda o canal e retira o assunto de suas conversas cotidianas, até que o evento desapareça no tempo, na fala e na memória.

Os meios de comunicação, especialmente a televisão, organizam multidões virtuais muito maiores que as reais, possibilitando sub-repticiamente a instalação dos fenômenos regressivos típicos da psicologia das massas. Vendo televisão na privacidade de seu lar, o espectador não tem plena consciência de fazer parte naquele exato momento de uma grande massa e, como parte dela, reage sem crítica aos ditames que lhe são impostos (Telles, 2015, p. 318).

Percebemos, portanto, que o tagarelar faz parte do esforço de evitação do inevitável da morte. Para Lacan (1964/1997), podemos considerar a tragédia como o atravessamento do real. O real lacaniano é sem lei e, portanto, imprevisível, não simbolizável e não organizado cronologicamente. As tragédias de Mariana e de Brumadinho, como real que atravessa o sujeito, passa a determinar e imprimir sua marca sobre o tempo, as rotinas, obrigações e os desejos do sujeito. O resultado dessa suspensão, que acontece a despeito da vontade do sujeito e que dá a este a dimensão desconhecida e incalculável da tragédia, leva-o a uma experiência de angústia, ou seja, de sensação de morte do corpo.

O ato de evitar uma maior implicação a um evento traumático é um mecanismo de defesa do sujeito para que este não seja destruído por aquilo que não consegue elaborar, entretanto aquilo que parece proteger singularmente o sujeito parece deixar despreparada e desamparada a próxima geração à medida em que a tagarelice vazia caminha para o mutismo e, depois, para o esquecimento. Como o sujeito está inserido na cultura, o não dizer ou não se implicar provocará uma barreira no diálogo das próximas gerações que não serão capazes de compreender o que aconteceu pela falha inconsciente da geração anterior, levando a uma espécie de superação da tragédia que permitirá que novas tragédias semelhantes voltem a acontecer, de tempos em tempos, como se fossem a primeira.

A tagarelice ideológica, apreendida no labirinto de espelhos formado pela comunicação de massa, gera o mutismo nas gerações seguintes. O sujeito fica retraído. E, se ele não participa da tagarelice não é porque tenha boa ou má intenção, como se pensa, e sim porque, inconscientemente, se protege dela. Retrair-se, adotar uma atitude passiva ou “se desligar” é uma maneira – não necessariamente intencional – de o sujeito humano se proteger do espelho das

palavras que o aprisionam e o destroem. Obviamente, viver sem falar pode ser a evitação suprema do risco (Vasse, 1999, p. 57).

4. O MUTISMO E O DISTANCIAMENTO

A forma como cada sujeito lida com uma situação traumática, mesmo que coletiva, é singular. É possível que um sujeito tagarele para depois se calar, é possível que ele nunca se cale, ou, ainda, que ele emudeça desde sempre. Essas diferenças se devem, entre outros fatores, aos modos que cada sujeito se conecta ao evento traumático.

A fixação ao instante traumático promove uma resposta subjetiva bem específica, a saber: o silenciamento, a mordada da palavra. Assim, uma constante nessas situações é o silenciamento dos sujeitos, entendida por Rosa (2002) como: “esta suspensão temporária, às vezes da vida inteira, mas temporária e não estrutural, um modo de resguardo do sujeito ante a posição de resto na estrutura social. Uma proteção necessária para a sobrevivência psíquica, uma espera, uma esperança”. Nesses casos não é possível um trabalho aos moldes de uma clínica do sintoma, mas podem-se realizar intervenções que podemos chamar clínica do traumático nos casos em que o sujeito não construiu ainda uma resposta metafórica, um sintoma através do qual possa falar do seu sofrimento e endereçar uma demanda” (Rosa et al, 2009, p. 502).

O tagarelar vazio, daqueles que não participaram diretamente das cenas e, logo depois, o silenciar tem, como propósito inconsciente, afastar o sujeito da angústia de vivenciar seus próprios traumas, produzindo uma lacuna entre o sujeito e a cena. Nos sujeitos vitimados, por sua vez, a não reelaboração provoca uma lacuna temporal entre presente, passado e a cena traumática que resulta em uma repetição que acaba se tornando uma forma de reviver justamente o que o sujeito estava tentando esquecer (Freud, 1914/2010b). É o que sugere a reportagem da *BBC News* (2020) quando pergunta para as vítimas de Brumadinho como elas se sentem. As respostas são: “É como se eu tivesse sido aprisionada em um dia”, “Você acorda e todo dia é 25 de janeiro”, “É como se aquele dia não tivesse acabado” (Franco, 2020), afirmando que a falta de resoluções tanto emocionais, quanto físicas fazem com que seu cotidiano seja sempre o presente da cena traumática. Tratando-se das resoluções legais, muitos corpos ainda não foram encontrados e muitas medidas ainda não foram tomadas para que as vítimas pudessem ressignificar a experiência traumática. No entanto, é possível uma ressignificação, a partir da clínica psicanalítica. Para Freud (1914/2010b), o tratamento analítico permite construir, a partir

da “recondução ao passado” (Freud, 1914/2010b, p. 151), um novo significado aos sintomas advindos da tentativa falha de recalque das angústias causadas pelo trauma.

Tanto o mutismo quanto o tagarelar são mecanismos de defesa do ego ante o evento traumático, num esforço do sujeito de recusar o atravessamento do real, ou seja, daquilo que ele não é capaz de nomear, assimilar ou compreender. “O mutismo tem esse sentido: é melhor ficar à margem da linguagem, rejeitado ou dejetado, do que correr o risco assassino de, nessa linguagem, não encontrar ninguém” (Vasse, 1999, p. 137).

Ao analisarmos a fala de sobreviventes das tragédias ambientais, constatamos a presença de um sentimento de culpa, nos depoimentos das vítimas, por terem sobrevivido a uma tragédia em que tantos colegas e familiares morreram. No documentário “Vozes de Mariana” (Estado de Minas, 2019), feito para dar voz aos vitimados, é presente a afirmação de insuficiência perante a sua sobrevivência, como se ter se salvado não fosse um ato heroico. Marcelo José Felício, um sobrevivente que perdeu sua mãe, afirma que se ele estivesse lá, teria sido diferente: “A colocaria sobre o tanque, porque ela tinha medo de montar em moto, e sairíamos. Salvaria meu cachorro e soltaria meus passarinhos. Teria salvado minha mãe” (Estado de Minas, 2019). A fala demonstra um arrependimento que os leva a construir uma narrativa ficcional na qual não teriam sobrevivido sozinhos:

"Arrependimento" é um nome geral para a reação do Eu num caso de sentimento de culpa, contém, pouco transformado, o material de sensações da angústia que atua por trás, é ele mesmo um castigo e pode incluir a necessidade de castigo; também ele pode ser mais velho que a consciência moral (Freud, 1930/2010c, p.110).

A culpa aparece como o conflito, entre o alívio de ter conseguido sair e a culpa por não ter feito mais pelo outro. Uma das vítimas sobreviventes afirma que a esposa, a filha e a cunhada estavam em casa no momento da tragédia. A esposa e a cunhada se salvaram, mas a filha não; a cunhada relata que deveria ter morrido no lugar da filha. (Carneiro, 2019). Pensa-se na frustração do indivíduo neurótico que tem, com os sintomas, outras maneiras de compensação, apresentadas, neste caso, como a tentativa de vir a ser herói. Mas isso não é suficiente para que o sofrimento seja assimilado, o que causa uma angústia que remete ao oposto da fantasia construída. Se na fantasia o sujeito seria um herói, fora dela, na relação com a tragédia, o sujeito se vê como vilão.

O rompimento da barragem de Mariana atingiu ainda outros subdistritos, principalmente o de Bento Rodrigues, no qual os sobreviventes que perderam suas casas foram encaminhados

para a uma área não atingida da cidade de Mariana. Diante da experiência traumática, as vítimas contam sobre a recepção da nova cidade: “No início acolher, depois conviver” (Mota, 2017). Em Mariana, os moradores pedem que a mineradora volte a funcionar, e chamam os “novos moradores”, aqueles que foram realojados, de desocupados (Mota, 2017). Já em Brumadinho, as vítimas das atividades mineradoras foram impedidas de protestar, pois o protesto tumultuava a cidade (Cotrim, 2020). Logo, percebemos a relação entre o tempo e os diferentes impactos, para as vítimas e para a comunidade. No momento que os moradores de Bento Rodrigues se mudaram, a cidade esteve aberta e acolhedora, mas, com o passar do tempo da tragédia, procuraram culpados e começaram um movimento de segregar e ofender as vítimas. Percebe-se uma distorção da realidade (Freud, 1930/2010c), pois o indivíduo não tem autorização para mostrar seu sofrimento, é algo que deve ser mantido para si, não se pode causar e apontar a desordem social.

A vítima se sente culpada, pois não cumpre com um ideal, e essa culpa, de acordo com Freud, foi “originalmente medo do castigo dos pais, mais corretamente a perda do seu amor; o lugar dos pais foi depois tomado pelo indefinido número de companheiros” (Freud, 1914/2010b, p.34). Percebe-se, aqui, um retorno à primeira cena, a cena infantil, que parecia desalojada, por ter sido recalçada, mas retornou em forma de angústia. Neste momento, já experienciando a culpa, é preciso que se resinfiquem a situação, compreendendo as angústias das cenas primárias e dando sentido no presente. Desde modo, a fala do sujeito vitimada não se torna vazia ou muda, pois houve o registro simbólico.

Como as pessoas que não estão diretamente ligadas à cena usaram potentes mecanismos de defesa (o tagarelar e o mutismo) diante das tragédias ambientais de Mariana e Brumadinho, percebemos que, rapidamente, o acontecimento é encapsulado num resto de sentido para que a vida da comunidade se acomode no ponto como já estavam habituados e vida volte a correr, como se o evento, agora encapsulado, não tivesse, de fato, acontecido. A negação de um espaço de fala para a vítima faz com que sua existência seja negada e se busque a manutenção da ordem social. Nossa sociedade parece privilegiar a suspensão de acontecimentos que abale seu funcionamento, na tentativa de se sustentar como sociedade produtiva e não improdutiva, ao invés de reparar aquilo que cause uma disfunção no seu funcionamento.

O rompimento das barragens de Mariana e de Brumadinho apontam para esse momento, no qual havia uma realidade que foi afetada por um imprevisto e, principalmente, pela negligência das empresas responsáveis. O portal Brasil de fato aponta que a barragem situada na

região de Mariana apresentava problemas desde sua construção em 2008 (Guimarães, 2019). De acordo com o Relatório sobre as Causas Imediatas da Ruptura da Barragem de Fundão (2016), o primeiro incidente aconteceu em 2009 e os impactos foram tantos, que o projeto original não poderia ser implantado. O segundo incidente aconteceu durante os anos de 2011 e 2012, problema referente a lama e gestão de água. Em agosto de 2014, o tapete drenante, responsável por controlar a saturação de rejeitos arenosos, atingiu sua capacidade máxima. Assim como a barragem de Fundão, na cidade de Mariana, a de Brumadinho também apontava erros. Foi investigado e apontado que o laudo que regulamenta a barragem estava fraudado, não havia estabilidade (Pimentel, 2020).

Muito se disse sobre as tragédias no instante em que aconteceram, mas, com o passar do tempo, a elaboração e reconstrução frente a fratura causada pelos eventos traumáticos, dos sujeitos vitimados, foram suprimidas com a ajuda dos mecanismos de tagalarer e silenciar, na tentativa de que a história pudesse voltar ao seu curso habitual. A recuperação dos sobreviventes passa a ser um trabalho solitário dos próprios sobreviventes, e a sociedade sai de cena, como sempre, desresponsabilizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trauma e um evento dito traumático não necessariamente são sinônimos, uma cena pode se tornar traumática mesmo que não tenha causado grandes perdas sociais, econômicas ou ambientais. Sendo assim, é aquilo que vai de encontro ao real, causando um furo que desarranja a compreensão do sujeito sobre si mesmo e suas subjetividades, não conseguindo simbolizar pela linguagem. É uma experiência remanescente do período da infância, posto isso, o trauma se forma por dois tempos: o atual, quando os sintomas aparecem e o originário, que se relaciona com as experiências infantis que fogem o recalque. Este surge na necessidade de o sujeito não enfrentar a angústia, portanto, seu conteúdo é deslocado para o inconsciente, como não há uma forma de excluir completamente o conteúdo, o que não fica esquecido retorna através de sintomas, sonhos e falhas. Assim, podemos afirmar que recalque e o retorno do recalcado são, na verdade, a mesma coisa, uma vez que causam perturbações ao sujeito, que podem ser psíquicas ou físicas (Fink, 2018).

O artigo aborda algumas formas de experienciar o evento traumático. Aqueles que foram atingidos diretamente pela tragédia foram denominadas vítimas, e aqueles que não foram

atingidos foram chamados de espectadores. As vítimas ficaram desamparadas diante do real, e o movimento de repetir ou silenciar, para este grupo, tem as marcas da escrita do sintoma:

(1) O que se escreve como significante traumático, produto da função da fala e da linguagem, a marca que dará lugar ao significante e ao significado e que dará origem ao necessário da repetição – não cessa de se escrever, (2) A função da letra, contingência que se escreve como gozo opaco, irreduzível, idêntico a si mesmo (Berta, 2012, p. 220).

A tragédia é um real que, como sabemos, é o impossível e, como tal, não pode ser completamente significado, no máximo contornado, por isso permanece como insuportável. O resultado disso é a repetição pois, uma vez que essa perda foi produzida na história do sujeito, não resta outra coisa a ele que não tentar escrever. Mas tal escrita é impossível, por isso nunca se conclui, levando a um movimento de repetição descrito por Lacan como aquilo que não cessa de não se escrever.

Os espectadores, por outro lado, buscam um distanciamento da cena, na tentativa de se afastarem da morte e da vulnerabilidade (Freud, 1926/2014a), pelos mecanismos de defesa do ego nomeados no artigo como tagarelar, mutismo e o esquecimento. O tagarelar e o mutismo se aproximam no afastamento do sujeito, pela via da não responsabilização. A não responsabilização dos sujeitos ante a cena faz com que ela não seja ressignificada e, portanto, seja recalcada. Com isso, a cena não é abordada com a mesma frequência que o momento que aconteceu, e há uma falsa sensação de esquecimento.

A fala repetida tem duas versões: aquela vazia, que é utilizada por aqueles que se afastam da situação e por aqueles que são atravessados estruturalmente pela tragédia, e a repetição, que se dá na forma de sintoma. O mutismo também é percebido dualmente. Há o mutismo que esvazia a fala, que nega a tragédia, e o mutismo da vítima muda, esmagada pelo real impossível de ser nomeado.

A tentativa da sociedade de calar as vítimas vai além do não enfrentamento individual. A massa faz calar a vítima e esquecer a cena na tentativa de manter a produtividade. O indivíduo inserido em um grupo perde a consciência de si, suas especificidades. Em sociedade, não há espaço para apresentar suas angústias; na tentativa de apresentá-las, as vítimas são colocadas à parte, não há uma voz.

Na tragédia de Mariana, em 2015, centenas de pessoas foram vitimadas de alguma forma, seja direta ou indiretamente. Houve 9 vítimas fatais e, ainda hoje, uma permanece desaparecida. Foi determinado que se reconstruísse o distrito de Bento Rodrigues, a cidade deveria ter sido

entregue em 2017, mas as obras começaram apenas em 2019 (Tragédia de Mariana, 2019). A perda ambiental foi enorme neste desastre, o solo está infértil (Barba, 2015), não há como produzir. Famílias que perderam muito, retornam para a cidade, mesmo sem que exista uma condição segura de existência (É um arraial fantasma, 2017). Foram pessoas que não conseguiram se adaptar com a vida que a mineradora ofereceu como resolução. Isso abre margem para o aumento das doenças psíquicas, e com isso, o aumento de ingestão de remédios antidepressivos e ansiolíticos.

O procurador da República José Adércio Leite Sampaio, coordenador da força-tarefa do Ministério Público Federal, referente ao desastre ambiental em Mariana, disse, por entrevista ao Portal G1 Minas, que “não houve nenhuma lição aprendida pelo poder público, especialmente Executivo e Legislativo, e parece até que esperam que uma outra tragédia aconteça, o que é lamentável” (Cristini, 2017).

E foi o que aconteceu. O “esquecimento” do que ocorreu em Mariana deu abertura para que uma tragédia, ainda maior, acontecesse em Brumadinho, em 2019. Das 270 vítimas, 11 ainda estão desaparecidas (Barragens da Vale em nível máximo, 2020). As buscas não pararam desde o início, bombeiros procuram por corpos que estão cada vez mais difíceis de serem encontrados, pois já houve uma grande deterioração (Franco, 2020).

Um ano e meio depois da tragédia, ainda não houve um desfecho judicial, seja para determinar os culpados das ações, ou para efetuar o pagamento de indenizações às vítimas, familiares e pessoas que foram atingidas indiretamente pelo desastre. Foram aprovados quatro projetos de lei pela Câmara dos Deputados, no entanto, ainda não foram aprovadas no Senado Federal, e nem foram sancionadas pelo presidente da República (Vilela, 2020). Em novembro de 2019, mais de 20 barragens estavam em estado de alerta no estado de Minas Gerais; 4 estavam com alto risco de rompimento (Pimentel, 2019). Em fevereiro de 2020, 3 barragens continuavam com nível máximo de risco, de acordo com o portal G1 Minas (Barragens da Vale em nível máximo, 2020). O cenário está piorando e não houve manutenção das barragens em um período de um ano.

Para que o esquecimento e a desresponsabilização não ocorram é importante que se pense na fala simbolizada sobre a tragédia, sobre o imprevisto. E uma forma cultural de manter no presente as cenas é elaborar projetos que atualizem, constantemente, o acontecimento na contemporaneidade. É preciso construir memórias para aqueles que não viveram as tragédias, através, por exemplo, de memoriais, filmes e arte. A consciência coletiva do acontecimento, na

sociedade, permite que este não retorne como um excesso de consciência violento somente nas vítimas que, sozinhas e desamparadas se veem-se na posição de não poder não recordar e, simultaneamente, não poder mais falar, pois sua queixa e seu sofrimento diante das tragédias são recusados, e até hostilizados pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- Barba, M. (2015, 07 de nov.). Mesmo sem ser tóxica, lama de barragem em Mariana deve prejudicar ecossistema por anos. *BBC News Brasil*. Recuperado de https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151107_barragem_mariana_mdb_fd
- Barragens da Vale em nível máximo para risco de rompimento têm piora e precisam de intervenção, diz ANM. (2020, 21 de fev.). *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/02/21/barragens-da-vale-em-nivel-maximo-para-risco-de-rompimento-tem-piora-e-precisam-de-intervencao-diz-anm.ghtml>
- Barragem da Vale se rompe em Brumadinho, MG: Mar de lama avançou sobre área administrativa da empresa e casas na área rural da cidade. (2019, 25 de jan.). Barragem da Vale se rompe em Brumadinho, MG: Mar de lama avançou sobre área administrativa da empresa e casas na área rural da cidade. *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/25/bombeiros-e-defesa-civil-sao-mobilizados-para-chamada-de-rompimento-de-barragem-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml>
- Berta, S. (2012). *Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud a Lacan*. [Tese de doutorado, Universidade de São Paulo] Biblioteca de Teses e Dissertações. doi:10.11606/T.47.2012.tde-29052012-111901
- Bohleber, W. (2007). Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. *Revista brasileira de psicanálise*. 41(1), 154-175. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2007000100015&lng=pt&tlng=pt
- Carneiro, J. (2019, 29 de jan.). Brumadinho: 'É como estar dentro de um liquidificador gigante', conta parente de jovem resgatada no 'último suspiro'. *BBC News Brasil*. Recuperado de <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/29/brumadinho-e-como-estar-dentro-de-um-liquidificador-gigante-conta-parente-de-jovem-resgatada-no-ultimo-suspiro.ghtml>

- Cotrim, J. (2020, 17 de ago.). Como um pedido da Vale conseguiu calar protestos de moradores em Brumadinho. *The Intercept*. Recuperado de: <https://theintercept.com/2020/08/17/vale-brumadinho-protestos/>
- Cristini, F. (2017, 06 de nov.). 'Nenhuma lição aprendida pelo poder público', diz procurador após dois anos da tragédia de Mariana. *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/nenhuma-licao-aprendida-pelo-poder-publico-diz-procurador-apos-dois-anos-da-tragedia-de-mariana.ghtml>
- Estado de Minas. (2019) Vozes de Mariana. *Estado de Minas*. Recuperado de: <https://www.em.com.br/app/noticia/vozes-de-mariana/2015/12/08/noticia-vozes-de-mariana,715014/treinador-do-time-de-futebol-de-vilarejo-devastado-conta-o-que-passou.shtml>
- 'É um arraial fantasma': os moradores que insistem em morar nos vilarejos destruídos pela lama de Mariana. (2017, 13 de nov.). *BBC News Brasil*. Recuperado de <https://g1.globo.com/minas-gerais/desastre-ambiental-em-mariana/noticia/e-um-arraial-fantasma-os-moradores-que-insistem-em-morar-nos-vilarejos-destruidos-pela-lama-de-mariana.ghtml>
- Fink, B. (2018). *Introdução clínica à psicanálise lacaniana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Franco, L. (2020, 25 de jan.). 'Estamos presos naquele dia': 1 ano após rompimento de barragem de Brumadinho, os impactos duradouros da tragédia. *BBC News Brasil*. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51228582>
- Freud, S. (1969). Parapraxias: Conferência III. In: S. Freud. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. XV, Trad. J. L. Meurer, Rev. Técnica J. Salomão, pp. 57-78). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1916 [1915], Edição Standard Brasileira).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In: S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, Trad. J. L. Meurer, Rev. Técnica J. Salomão, pp. 395-517). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1895, Edição Standard Brasileira).
- Freud, S. (2010a). Recordar, repetir e elaborar. In: S. Freud, Obras completas: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). (Vol. 10, Trad. P. C. Souza, pp. 146-158).

- São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911-1913).
- Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo. In: S. Freud, Obras completas: *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. (Vol. 12, pp. 9-37). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na civilização. In: S. Freud, Obras completas: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. (Vol. 18, Trad. P. C. Souza, pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In: S. Freud, Obras completas: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. (Vol. 16, Trad. P. C. Souza, pp. 13-113). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (2014a). Inibição, Sintoma e Angústia. In: S. Freud, Obras completas, *Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos*. (Vol. 17, Trad. P. C. Souza, pp. 13-123). São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2014b) O futuro de uma ilusão. In: S. Freud, Obras completas: *Inibição, Sintoma e Angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*. (Vol. 17, Trad. P. C. Souza, pp. 231-302). (Trabalho original publicado em 1927). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Guimarães, J. (2019, fev.). Problemas na barragem da Samarco existiam desde sua construção, aponta relatório. *Brasil de Fato*. Recuperado de: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/05/problemas-na-barragem-da-samarco-existiam-desde-sua-construcao-aponta-relatorio>
- Lacan, J. (1988). *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (2a. ed.). (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário. Livro 8. A transferência*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1961).
- Lacan, J. (1993). *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (2a. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. (2a. Ed. revista). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2016). *O Seminário. Livro 6. O desejo e sua interpretação*. (1a. Ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959)

- Miller, J. A. (1997). Uno por uno. *Revista Mundial de Psicoanálisis*, 45, 15-34.
- Morgenstern, N. R., Vick, S. G., Viotti, C. B., & Watts, B. D. (2016). Relatório sobre as Causas Imediatas da Ruptura da Barragem de Fundão. Comitê de Especialistas para Análise da Ruptura da Barragem de Rejeitos de Fundão, Recuperado de: <http://www.fundacaorenova.org/wp-content/uploads/2017/10/relatorio-sobre-as-causas-imediatas-da-ruptura-da-barragem-de-fundao.pdf>
- Mota, C. (2017, 30 de out.). Sobreviventes de desastre de Mariana sofrem preconceito, e moradores pedem volta da Samarco. *BBC News Brasil*. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41798753>
- Oliveira, S. B. C. (2014). Tempo, silêncio e esquecimento: o que ficou da experiência dos jovens de Santa Maria? *Desidades*, 4, 30-36. Recuperado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822014000300004&lng=pt&tlng=pt
- Pimentel, T. (2019, 19 de nov.). Desde tragédia de Brumadinho, mais de 20 barragens estão em estado de alerta em Minas Gerais, diz Defesa Civil. *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/11/19/desde-tragedia-de-brumadinho-mais-de-20-barragens-estao-em-estado-de-alerta-em-minas-gerais-diz-defesa-civil.ghtml>
- Pimentel, T. (2020, 21 de jan.). Brumadinho: MP afirma que Vale e TÜV SÜD emitiam declarações falsas de estabilidade de barragens: Órgão diz que mineradora sabia que pelo menos dez estruturas estavam em 'situação inaceitável de segurança', entre elas a B1 que se rompeu no dia 25 de janeiro. *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/21/brumadinho-mp-afirma-que-vale-e-tuv-sud-emitiam-declaracoes-falsas-de-estabilidade-de-barragens.ghtml>
- Paes, C. (2016, 08 de jan.). Rompimento de barragem da Samarco, em Mariana, completa um mês. *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <http://especiais.g1.globo.com/minas-gerais/2015/desastre-ambiental-em-mariana/1-mes-em-numeros/>
- Rosa, M. D., Carignato, T. T., Berta, S. L., & Alencar, S. (2009) A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. In: *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. 12(3), 497-511 <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000300006>
- Rüsen, J. (2009). Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história*. *História da historiografia*, 2, 163-209. <https://doi.org/10.15848/hh.v0i2.12>

Telles, S. (2015). Refletindo sobre grupos e massas. *Jornal de Psicanálise*. 48(88), 315-322. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000100025&lng=pt&tlng=pt.

Tragédia de Mariana: rejeitos continuam em Bento Rodrigues 4 anos após rompimento.. (2019, 05 de nov.). *Portal G1 Minas*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/11/05/tragedia-de-mariana-rejeitos-continuam-em-bento-rodrigues-4-anos-apos-rompimento.ghtml>

Vilela, P. (2020, 23 de jan.). Que projetos avançaram para evitar novos crimes ambientais como o de Brumadinho? *Brasil de Fato*. Recuperado de: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/23/que-projetos-avancaram-para-evitar-novos-crimes-ambientais-como-o-de-brumadinho>

Vasse, D. (1999). *O Peso do Real. O sofrimento*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria e Editora ReiventeR Ltda.

Recebido em: julho de 2021

Publicado em: dezembro de 2021